



Memórias de uma descoberta: reviver é redescobrir

Recuerdos de un descubrimiento: revivir es redescubrir

Yane Doná de Souza¹

<https://orcid.org/0009-0003-6903-4073>

Data de submissão: 27/04/2026

Data de aceite: 22/05/2026

Resumo

Este relato de experiência descreve a vivência de uma disciplina de imersão realizada na Cidade de Goiás (Goiás Velho) no âmbito de um programa de pós-graduação. A narrativa articula a observação direta do patrimônio histórico, da arquitetura e do contato com os moradores locais com reflexões teóricas sobre a História e a Filosofia do Ensino das Ciências e Matemática. Por meio de uma perspectiva sensível e crítica, o texto explora as marcas do passado colonial — incluindo a exploração de povos negros e indígenas e a construção da identidade brasileira — confrontando-as com a realidade educativa atual. A experiência culmina na produção de um poema autoral que sintetiza os sentimentos e aprendizagens colhidos durante a jornada, defendendo a imersão como um formato pedagógico transformador que integra razão, emoção e prática docente.

Palavras-chave: disciplina por imersão. goiás velho. aprendizagem experiencial. patrimônio histórico. cora coralina.

Resumen

Este informe describe la experiencia de un curso de inmersión realizado en la ciudad de Goiás (Goiás Velho) como parte de un programa de posgrado. La narración articula la observación directa del patrimonio histórico, la arquitectura y el contacto con los residentes locales con reflexiones teóricas sobre la Historia y la Filosofía de la Educación en Ciencias y Matemáticas. Desde una perspectiva sensible y crítica, el texto explora las huellas del pasado colonial —incluida la explotación de los pueblos afrodescendientes e indígenas y la construcción de la identidad brasileña— confrontándolas con la realidad

¹ Pedagoga, com Pós graduação em Alfabetização e Letramento e Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (UFU). yane.souza@ufu.br





educativa actual. La experiencia culmina con la creación de un poema original que sintetiza los sentimientos y aprendizajes recopilados durante el viaje, defendiendo la inmersión como un formato pedagógico transformador que integra la razón, la emoción y la práctica docente.

Palabras clave: curso de inmersión, Goiás Velho, aprendizaje experiencial, patrimonio histórico, Cora Coralina.

Introdução

O reviver se torna a primeira etapa para se redescobrir. Ao caminhar pelas ruas de Goiás Velho percebemos como somos forjados por uma história sobre um Brasil distante da nossa realidade. Somos marcados por um passado repleto de personagens, os quais não conhecemos em sua plenitude nem tampouco em sua essência.

Somos frutos da ancestralidade e da mistura de diversos povos: negros, brancos, índios e de tantos outros. Mas realmente tomamos posse e cuidamos desse pertencimento?

Como lembra Faoro (2001, p. 62), “O brasileiro vive uma história que não lhe pertence, pois o poder sempre se constituiu fora de sua experiência e de sua vontade”. Dessa forma, ele se encontra afastado de seu passado e se esconde, fugindo do seu próprio destino. Quando o autor afirma que a “história não lhe pertence”, ele enfatiza claramente a ruptura do sujeito com a ancestralidade, pois no coletivo ele não se reconhece como autor da própria trajetória.

As lutas de poderes travadas para a construção da nossa identidade são recheadas de mortes, fugas e resistências. Diante desse cenário, devemos refletir: qual o nosso papel no hoje? E para além do amanhã? Como devemos nos cuidar? E cuidar do outro? Além disso, como preservar o nosso passado para não reproduzi-lo novamente?

Para que o ensino não seja mais 'uma história que não nos pertence', precisamos mergulhar na materialidade dos espaços que habitamos. Sob essa ótica, partimos para uma viagem com destino a Goiás Velho – uma cidade que nos encanta e nos permite acessar o nosso íntimo e refletir enquanto atravessamos cada uma de suas tortuosas, íngremes e irregulares ruas. O passado está enraizado em cada uma de suas paredes, permitindo-nos refletir sobre nossa ancestralidade.



O som dos passos, durante a simples caminhada, ecoa sorrateiramente, trazendo os sonhos e pesadelos de uma cidade construída no movimento dos bandeirantes atraídos pelo exuberante e precioso ouro. Terra explorada, vidas abusadas, ambientes destruídos, por trás de tanto sofrimento erguem-se o poder e o status, casas coloridas e igrejas barrocas de beleza monumental, que carregam em suas paredes o sangue e o sofrimento dos explorados.

Contudo, como o ouro é um recurso finito, aos poucos se esgotou, daquela majestosa terra, restando ao viés político, que preza por seus interesses partidários ao poder público, migrar para Goiânia, definindo-a, então, como sua capital do estado. Goiás Velho, por sua vez, ficou perdida no tempo e nas memórias, com suas construções repletas de histórias. Abandonada e, propriamente dita, adormecida pelo ritmo pacato, a cidade mantém o enredo do que acontecerá incontestável em sua arquitetura.

Goiás Velho, quase três séculos depois, mais parece ironia pensar como o passado pode estar tão presente na atualidade. O Museu das Bandeiras, o Chafariz, a Casa de Cora Coralina nos permite deleitar sentimentos e reflexões. Não é difícil compreender o que Cora Coralina, que com tanto zelo se dedicava a escrever, expressava em versos como:

A caminhada...
Amassando a terra.
Carreando pedras.
Construindo com as mãos
sangrando
a minha vida. (Coralina, 1976, p. 53)

Em 2001, Goiás Velho se torna Patrimônio Mundial da Humanidade reconhecido pela UNESCO. Título que valoriza não apenas suas edificações, mas sua importância na história. A cidade de Goiás precisa agora se reinventar e, ao mesmo tempo, preservar suas origens. Para isso, uma solução seria fomentar o turismo, promovendo não apenas a visitação, mas também o aprendizado para que no futuro não se reproduzam as duras marcas de nosso passado.

Assim, participar de uma disciplina por imersão em Goiás Velho foi uma experiência ímpar que possibilitou a união entre o conhecimento, a emoção e a sensibilidade. Gondra e Schueler (2008, p. 52) afirmam que “A invenção do Brasil e a invenção da escola constituem faces de uma mesma moeda, integrando o processo de



formação do Estado imperial”. Observa-se que, desde o período do Império, a escola não somente alfabetizava, mas moldava os sujeitos conforme o ideal de civilização europeu. Durante a disciplina de imersão, tomamos posse do sentimento de pertencimento e de desconforto, ao percebermos que nossa nação se construiu às custas de negros, indígenas, mulheres e pobres, o que nos desperta a empatia e a nossa responsabilidade histórica. Imersão é um ato de consciência crítica, pois, ao relacionar o passado com o presente, podemos perceber como certos padrões de dominação se repetem e devemos procurar romper esse ciclo. Afinal, segundo Teixeira (2013, p. 270), “A análise histórica do ensino de ciências revela que compreender a educação é também compreender o contexto político e social em que ela se produz. A reflexão sobre o passado permite reconhecer os mecanismos que ainda hoje mantêm a desigualdade e a dependência.”

Perceber que a história perpassa o tempo e pode ser compreendida para além dos livros didáticos, por meio da explanação do professor, me fez aprender que ensinar é vivenciar, sentir e refletir a todo momento. O contato com os espaços e os moradores despertou em mim uma nova forma de compreender a educação; educar por meio da escuta, da observação e da empatia. Novamente, ancoro-me nos pensamentos de Cora Coralina:

Não é o poeta que cria a poesia
E sim a poesia que condiciona o poeta.
Poeta é a sensibilidade acima do vulgar.
Poeta é o operário, o artífice da palavra.
E com ela compõe a ourivesaria de um verso.
Poeta, não somente o que escreve.
É aquele que sente a poesia, se extasia sensível
ao achado de uma rima, à autenticidade de um verso.
Poeta é ser ambicioso, insatisfeito, procurando
no jogo das palavras,
no imprevisto do texto,
atingir a perfeição inalcançável. (Coralina, 1983, p. 179)

Essa vivência inspirou a escrita do poema a seguir, no qual, através da imaturidade de uma poetisa iniciante, tento traduzir em palavras e sentimentos o que vivi e aprendi durante os quatros dias desta incrível jornada.

GOIÁS, MUITO PRAZER!



Este tópico se desenvolverá por meio das palavras que encontrei para exprimir essa experiência na cidade de Goiás.

Se um poema pudesse contemplar
Tudo o que nessa viagem iria encontrar
Não seria difícil convencer
Todos os alunos este caminho percorrer

Figura 1 - Casa local de Goiás Velho; Ponte da casa de Cora Coralina



Fonte: Autora, 2025

Se permita conhecer
O que os olhos sozinhos não conseguem perceber
Atrás de imensa beleza
Trago em mim tamanha tristeza

Talvez não veja escondido nas cores
O que com tamanho vigor
A história insiste em colorir



Um passado que você pode descobrir

Figura- 2 Igreja do Rosário; Estátua do Anhanguera



Fonte: Autora, 2025

Andar sozinho, sua primeira missão
Permita se conhecer nessa imensidade
Você é o fruto desta história
Faça também essa reflexão



Figura 3- Registros da aula imersiva; Quartel dos XX



Fonte: Autora, 2025

Até o calor parece ensinar
o que o corpo clama por desejar:
Uma sombra, água e descanso
Simples ações que foram privadas a tantos

Se a beleza te encanta
Professor Welson, em sua esperteza,
Te convida a sentar, respirar e refletir
O passado que luta para do obscuro emergir



Figura 4- A vida na cidade; Encontro na comunidade quilombola; Cruz de Anhanguera



Fonte: Autora, 2025

À sombra de uma histórica mangueira
Feche os olhos e se coloque a reviver
A negra do ouro descendo a ladeira
Em busca de um sonho que jamais irá viver



Figura 5 - Museu da arte sacra; Casas do povoado de bacalhau



Fonte: Autora, 2025

Perceba que com imensa paixão
Persistem, na alma de um professor, o sonho e a devoção
Para que o que passou não seja esquecido
Pois esse passado é você meu querido.

Para além de tanto saber,
Como na cidade não há só alegria, existe a dor
Sinta-se abraçado, destemido Marcos:
Também sentimos a sua dor...

E como as luzes da cidade, que na pacassidade de um chafariz
Reluzente amarelo em seu esplendor
Goiás te ensina, que na simplicidade



leva-se a vida com bom humor.

Ah! E não se pode esquecer

Cora Coralina, muito prazer!

Uma senhora que as durezas da vida não a fizeram desistir

De contar em palavras o que estava a sentir

No Palácio Conde dos Arcos, conheça Seu José,

Um guia historiador que caminha, ensinando com fé e bom humor,

Que o passado se torna presente

Mesmo com tanta ingratidão e a dor

Ele encanta com seu carisma e conhecimento

Com as brincadeiras que não deixa passar

Ah! Se pudéssemos conceber

Quantas verdades ele busca nos mostrar

Visitar o Quartel XX, ou melhor não seria escola?

Como ainda reproduzimos

Um fiel modelo de controle e submissão

Seria esse realmente o futuro da nação?



Figura 6- Estátua de Cora Coralina; Palácio dos Arcos



Fonte: Autora, 2025

Colégio Sant'Anna com maestria e cuidado
Buscou restaurar um problema que se instaurou
Numa cidade desumana
Abrigou e cuidou de quem sozinho ficou



Figura 7- Estátua de Cora Coralina; Palácio dos Arcos



Fonte: Autora, 2025

Hoje resiste a duras marcas
O que o tempo insiste em devastar
Quem diria, Colégio Sant'Anna,
Agora busca formar quem no futuro irá ensinar



Figura 8 - Colégio San't Ana



Fonte: Autora, 2025

Maria Luiza, militante em seu tempo
Com lutas e batalhas ultrapassa o movimento
Promovendo a cura sem olhar a quem,
Desejando somente que a natureza promova o bem

A casa de Goiás
Nosso bunker e refúgio
Central de reunião e diversão
Afinal, com o diálogo assim se constrói a educação



Figura 9 - Colégio San't Ana



Fonte: Autora, 2025

O Mercado Municipal pausa para alimentar
com a Márcia, podemos contar
Com simplicidade e hospitalidade
Encanta pelo amor em partilhar



Figura 10 - Comunidade Quilombola



Fonte: Autora, 2025

As riquezas de histórias encobertas pelo tempo
Demonstram em nossos quilombolas
Um conflito permanente
Na busca do seu pertencimento

Sonha alto, irmão meu,
Sem esquecer de onde veio
Viva a luta pelo seu reconhecimento
Na busca de um futuro que lhe é devido

Fernanda, protetora e, porque não, cuidadora,
Que resgata em seu dia a dia

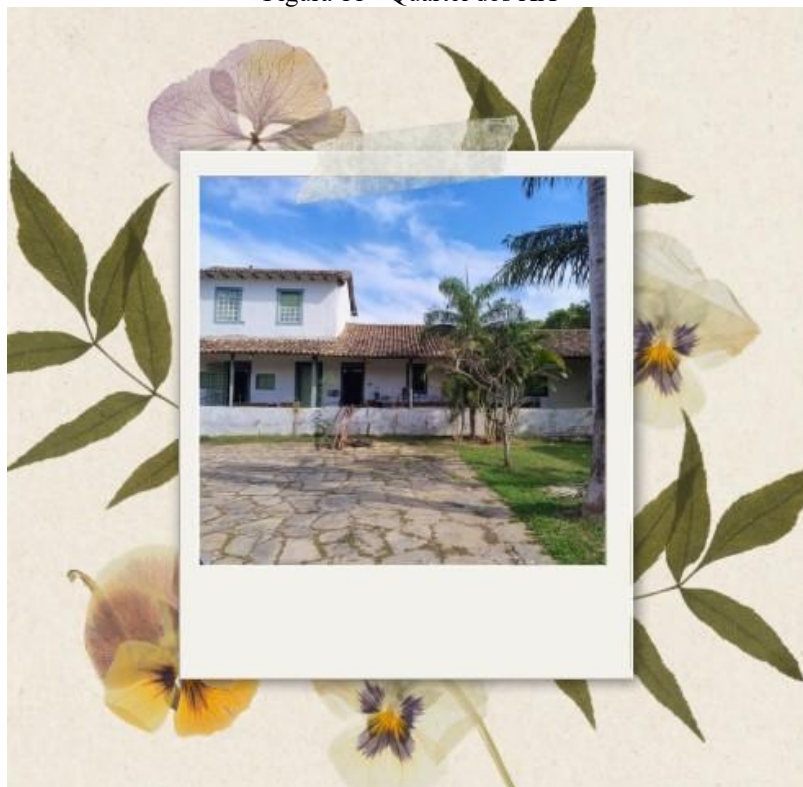


A esperança de um povo,
Desejando apenas uma vida linda de bonito!

Goiás do barro, das riquezas de sua terra
Contrasta a injustiça sofrida de um povo
Que no Museu de Bandeiras
Reflete a luz e esperança nos porões de um morro

A primeira cadeia de Goiás
Exemplos não traz
Inválidos eram aqui colocados
Ora por crimes ou por vezes injustiçados

Figura 11 - Quartel dos XX



Fonte: Autora, 2025

E assim, no entardecer de cada dia,



Goiás promove com maestria
O aprender sobre o ontem com a esperança
De que no futuro a sabedoria nos alcance

Que não sejamos reprodutores de uma história repleta de dor
Que sejamos aprendizes e mensageiros
de uma sociedade que referencia a paz e o amor
Não esqueçamos que nossos antepassados
carregam em si cicatrizes, no corpo marcado
fruto da ganância de um povo
que por vezes foram vistos como bom grado

Figura 12 - Ponte do Rio Vermelho



Fonte: Autora, 2025

Que derrame em nós adultos
a coerência e a certeza



De que somos formadores de pessoas
que merecem conhecer seu passado com clareza.

Figura 13 - Quartel dos X Vermelho; Reunião com integrante do Quilombo Alto de Santana



Fonte: Autora, 2025

Que a inocência das crianças
vejam em Goiás Velho o grito da esperança
De que no futuro a igualdade seja uma certeza,
pois somos frutos da grande realeza

Goiás clama para ser ouvido
Vejam em mim o que jamais deverá ser repetido
Façam do exemplo uma lição
Amem uns aos outros como irmãos.



Figura 14 - Museu das Bandeiras



Fonte: Autora, 2025

Quatro dias passaram-se rápidos
E tão pouco sobre ti eu ainda sei
Quem me dera que as memórias
se repliquem a cada aluno que ainda ensinarei.



Figura 15 - Artesanato local



Fonte: Autora, 2025

Se, ainda assim, não acredita que possa lhe ensinar
Se permita conhecer
Bem-vindo à sua história
Sou Goiás Velho, muito prazer!

Figura 16 - Entardecer de Goiás Velho no Museu de Cora Coralina



Fonte: Autora, 2025

Ao me inscrever no Mestrado, não imaginava quantas experiências iria vivenciar. Não esperava em momento algum fugir dos padrões que tantas vezes questionei. Ter uma disciplina de Filosofia e História já transbordava em mim a lembrança da infância quando o ensino se resumia a eterna sequência: leitura de livros, o professor discursando e uma lista de exercícios. Mas, de repente, algo diferente se apresenta: uma disciplina por imersão.

“IMERSÃO: ato ou efeito de imergir, mergulhar, afundar”. Nesse momento, uma reflexão se faz oportuna. Segundo Kolb (1984, *apud* Peverari, 2022, p. 2), “Aprendizagem é o processo pelo qual o conhecimento é criado através da transformação da experiência”. Essas palavras e o pensamento de Kolb ecoaram em mim desde o primeiro encontro com o professor.



A agitação que tanto me pressionava deu lugar à calma ao ouvir o som do vento, o cantar dos pássaros, as luzes amarelas que transmitiam paz e serenidade. O calor escaldante do dia, cansava meu corpo que se permitia, apesar da exaustão, conectar-se com o ambiente e com a história de um lugar tão pacato.

Ao final dos quatro dias, Cora Coralina mais parecia a mim uma grande amiga. Consegui compreender o que seus poemas demonstram com sutileza e maestria:

A estrada está deserta.
Vou caminhando sozinha.
Ninguém me espera no caminho.
Ninguém acende a luz.
A velha candeia de azeite
de há muito se apagou.

Tudo deserto.
A longa caminhada.
A longa noite escura.
Ninguém me estende a mão.
E as mãos atiram pedras.

Sozinha... Errada a estrada
No frio, no escuro, no abandono.
Tateio em volta e procuro a luz.
Meus olhos estão fechados.
Meus olhos estão cegos.
Vem do passado. (Coralina, 1976, p. 42)

E quem diria que tamanho rigor poderia na leveza de poucas palavras e muito sentir tanto ensinar? E assim compreendi que uma disciplina por imersão vai além da disciplina de uma sala de aula: é reconectar-se consigo, com o outro e com a vida. Esta vida carrega a história e a filosofia desde detalhes em uma fachada, nas ruas de pedra, na estátua de Cora Coralina, nas igrejas, entre tantos outros. Foi um aprendizado que uniu razão e emoção, teoria e vivência. Como nos lembra Rosa Maria Bueno Fischer (2001, p. 7), a escrita e o aprendizado sensível envolvem “a capacidade de sentir e pensar com o



corpo inteiro”, o que traduz bem o espírito desta disciplina por imersão: aprender pela experiência, pelo contato com o outro e pelo movimento da escuta.

Durante os dias em que estive na disciplina de imersão, pude compreender que não nos cabe apenas lembrar os fatos da forma como eles aconteceram, mas devemos reconhecer as emoções que eles despertam, mudando a nossa sensibilidade histórica. Gondra denomina esse processo de “combater o esquecimento”, ao afirmar que:

O exercício de rememorar o passado não é um gesto neutro. Ele envolve escolhas, disputas e sensibilidades. Lembrar é, em certo sentido, combater o esquecimento, confrontar-se com as dores e as alegrias da história, e abrir espaço para outras narrativas e sujeitos que foram silenciados. A memória, nesse sentido, é um ato político e afetivo. (Gondra 2008, p. 19).

Assim, compreendi que ensinar e aprender história, filosofia, cultura e ciência vai muito além das quatro paredes de uma sala de aula – é preciso sentir, observar e se conectar. Como reflete Raymundo Faoro (2001), quando fala sobre a existência de um “pensamento político brasileiro”, essa experiência nos permite pensar a educação a partir do lugar onde nos encontramos, das nossas vivências e realidades, sendo um exercício de consciência e pertencimento. Dessa forma, a cada passo dado naquela pequena cidade proporcionou-me a reflexão, e no despertar de cada novo dia percebi que mergulhei de cabeça em um Goiás, que de Velho tem apenas o nome, pois a cada dia ele está mais presente em minha memória e em minha vida. Essa experiência modificou o meu olhar enquanto professora, pois, segundo Krasilchik (2000, p. 86), “A formação de professores exige não apenas o domínio de conteúdos, mas a capacidade de compreender a escola e a sociedade como construções históricas em constante transformação.

Desejo que outras pessoas tenham a oportunidade de se permitirem viver uma disciplina imersiva, pois aprender dessa forma não traumatiza, mas sim cativa. Ao recorrer às análises de Myriam Krasilchik (2000) sobre as reformas educacionais e o distanciamento presente entre a teoria e a prática, percebo como em uma disciplina por imersão esse distanciamento desaparece. Ao oportunizar o aprendizado através do movimento, compreendi que aprendemos fazendo, refletindo, agindo e registrando o que vivenciamos.

As palavras de Cora finalizam minha reflexão, se pararem para se deleitar, compreenderão sábias palavras sobre um Goiás preso em sua imensidão.



Do perdido tempo.
Do passado tempo escuto a voz das pedras:
Volta... Volta... Volta...
E os morros abriam para mim
imensos braços vegetais.

E os sinos das igrejas que ouvia na distância
diziam: Vem... Vem... Vem...

E as rolinhas fogo-pagou
das velhas cumeeiras:
Porque não voltou...
Porque não voltou...
E a água do rio que corria
Chamava... Chamava...

Vestida de cabelos brancos
Voltei sozinha à velha casa, deserta. (Coralina, 1976, p. 43)

Considerações finais

Concluo que os pensadores Rosa Maria Bueno Fisher, Raymundo Faoro, José Gonçalves Gondra, Ana Flávia Schuler e Myriam Krasilchik, em diálogo, permitem fundamentar a disciplina de modo a compreender a profundidade e relevância desta modalidade de ensino. Fisher (2001) apresenta à escrita e aprendizado sensível, resultado do envolvimento com o corpo, as emoções e as experiências. Faoro (2001), ao questionar a existência de um pensamento político brasileiro, impulsiona os leitores a reconhecer que toda prática educativa se constitui como um ato político, a ser compreendido histórica e criticamente. Por sua vez, Gondra e Schueler (2008) situam que a educação é um campo de poder e disputa de sentidos, em que as aulas imersivas favorecem o espaço do diálogo, da negociação e da construção coletiva dos saberes. Agora Krasilchik (2000) relembra as tensões entre as reformas e as realidades no ensino, demonstrando que a aprendizagem significativa acontece quando a teoria e a prática caminham juntas, exatamente o que a disciplina por imersão proporciona. Assim, os autores nos auxiliam a entender que a



disciplina por imersão não se configura apenas como um formato pedagógico, mas um exercício humano cuja sensibilidade, crítica e ação transformam o nosso ser.

Referências

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 18. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1983.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. Goiânia: P. D. Araújo, 1976. FAORO, Raymundo. **Existe um pensamento político brasileiro?** São Paulo: Globo, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A escrita sensível e o conhecimento em Educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 49–62, 2001.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

KRASILCHIK, Myriam. **Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências**. São Paulo em Perspectiva, v. 14, n. 1, p. 85-90, 2000.

PEVERARI, Gilberto. Aprendizagem Vivencial - Experienciar para consolidar o conhecimento. **Escalare Desenvolvimento**, 8 fev. 2022. Disponível em: <https://www.escalare.com.br/aprensizagem-vivencial/>. Acesso em: 22 out. 2025.

TEIXEIRA, Francimar Martins. Uma análise das implicações sociais do ensino de ciências no Brasil dos anos 1950 a 1960. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 12, n. 2, p. 269-286, 2013.